%

%

%

Boletim de conjuntura

ECONÔMICA

+++

Gerência Executiva de Economia
Diretoria Executiva
Setembro/2026

Atividade Econômica – PIB

PIB acumula alta de 1,9% no primeiro semestre de 2026 e setor de transporte avança 1,2% no trimestre.

- No acumulado do primeiro semestre de 2026, o PIB nacional somou R$ 6,68 trilhões, avanço de 1,9% em relação ao mesmo período de 2025. Isoladamente, o 2º trimestre cresceu 0,5% frente ao trimestre imediatamente anterior e 2,0% na comparação com o mesmo período de 2025, ritmo levemente acima do 1,8% registrado no trimestre anterior.
- Pela ótica da oferta, na comparação com o 2º trimestre de 2025, a Agropecuária cresceu 6,8%, recuperando-se do fraco desempenho do trimestre anterior (0,7%), ainda distante dos patamares de dois dígitos vistos ao longo de 2025. Indústria e Serviços avançaram no mesmo ritmo, de 1,5% cada. Na Indústria, destacaram-se as Indústrias Extrativas (12,0%), enquanto Transformação (-0,9%) e Eletricidade e Gás (-0,5%) recuaram. Nos Serviços, Informação e Comunicação liderou com alta de 8,4%, seguida por Atividades Imobiliárias (2,2%) e Transporte, Armazenagem e Correio (1,2%).
- O setor de Transporte, Armazenagem e Correio avançou 1,1% ante o trimestre imediatamente anterior, revertendo duas quedas seguidas. O desempenho manteve o setor à frente dos demais subsetores de Serviços, com exceção apenas de Informação e Comunicação, que apresentou crescimento de 2,1% em relação ao primeiro trimestre de 2026.

Principais resultados das Contas Nacionais Trimestrais – PIB a preços de mercado (%)

PIB a preços de mercado	3º trimestre 2025	4º trimestre 2025	1º trimestre 2026	2º trimestre 2026
Taxa trimestral (em relação ao mesmo período do ano anterior) (%)	1,8	1,8	1,8	2,0
Taxa acumulada em quatro trimestres (em relação ao mesmo período do ano anterior) (%)	2,7	2,3	2,0	1,9
Taxa acumulada ao longo do ano (em relação ao mesmo período do ano anterior) (%)	2,4	2,3	1,8	1,9
Taxa trimestre contra trimestre imediatamente anterior (%)	0,1	0,2	1,1	0,5

Principais resultados das Contas Nacionais Trimestrais – PIB do transporte (%)

Transporte, armazenagem e correio	3º trimestre 2025	4º trimestre 2025	1º trimestre 2026	2º trimestre 2026
Taxa trimestral (em relação ao mesmo período do ano anterior) (%)	4,2	1,7	0,7	1,2
Taxa acumulada em quatro trimestres (em relação ao mesmo período do ano anterior) (%)	2,7	2,1	2,0	2,0
Taxa acumulada ao longo do ano (em relação ao mesmo período do ano anterior) (%)	2,2	2,1	0,7	0,9
Taxa trimestre contra trimestre imediatamente anterior (%)	2,2	-1,4	-0,6	1,1

Fonte: Elaboração CNT, com dados de IBGE.

Atividade Econômica – PIB

Demanda interna perde fôlego, enquanto comércio exterior segue em alta na comparação anual.

- Sob a ótica da despesa, o consumo das famílias cresceu apenas 0,5% frente ao 2º trimestre de 2025, chegando a recuar 0,4% ante o trimestre imediatamente anterior. Ainda assim, segue como o componente de maior peso da economia, embora tenha perdido participação no PIB, de 62,2% para 61,7% na comparação anual. Os gastos do governo, por sua vez, avançaram 3,1%, elevando sua fatia no PIB de 18,7% para 19,5%.
- A formação bruta de capital fixo cresceu 1,4% na comparação anual, avanço puxado pela importação de bens de capital e pelo desenvolvimento de software. Apesar disso, a taxa de investimento recuou de 16,6% para 16,1% do PIB, enquanto a taxa de poupança avançou de 16,5% para 16,6%.
- No comércio exterior, as exportações cresceram 3,8% na comparação anual, impulsionadas por extração mineral, agropecuária e produtos alimentícios, enquanto as importações avançaram 5,5%, puxadas por veículos automotores, vestuário e materiais elétricos. Já em relação ao 1º trimestre de 2026, as exportações recuaram 0,8% e as importações subiram 1,8%, o que ajuda a explicar a moderação do resultado agregado do PIB no trimestre.
- A variação de estoques manteve participação de 1,5% no PIB, patamar próximo a 2025, evidenciando desaceleração gradual da demanda doméstica no trimestre.

PIB e componentes da demanda

Variação em relação ao mesmo trimestre do ano anterior (%)

	2º tri/2023	2º tri/2024	2º tri/2025	2º tri/2026
PIB a preços de mercado	3,9	3,5	2,4	**2,0**
Consumo das famílias	3,1	5,4	1,8	**0,5**
Gastos do governo	4,8	2,1	0,9	**3,1**
Formação bruta de capital fixo (investimento)	-1,5	5,2	4,1	**1,4**
Exportação	11,5	4,2	2,1	**3,8**
Importação	1,1	15,4	3,9	**5,5**

Participação dos componentes da demanda no PIB (%)

	2º tri/2023	2º tri/2024	2º tri/2025	2º tri/2026
PIB a preços de mercado	100,0	100,0	100,0	**100,0**
Consumo das famílias	61,8	62,5	62,2	**61,7**
Gastos do governo	18,8	18,8	18,7	**19,5**
Formação bruta de capital fixo (investimento)	16,3	16,4	16,6	**16,1**
Variação de estoques	0,0	1,0	1,6	**1,5**

Fonte: Elaboração CNT, com dados de IBGE.

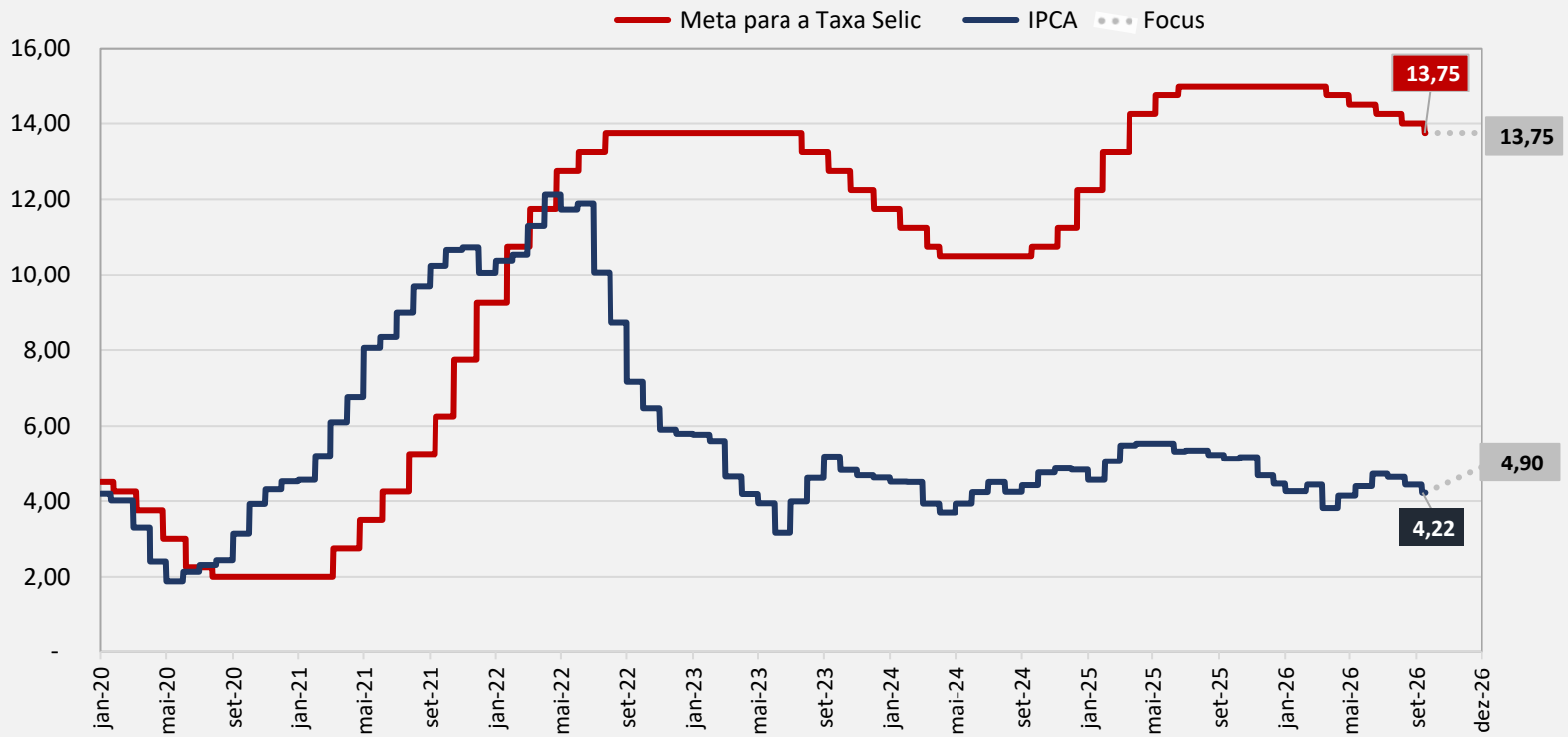
Taxa de Juros

Copom reduz Selic a 13,75% a.a., mas juro real segue elevado em meio a cenário externo mais restritivo.

- O Copom decidiu pelo quinto corte consecutivo da Selic, estabelecendo a meta em 13,75% a.a. O IPCA acumulado em 12 meses situa-se em 4,22%, resultando em um juro real de 8,45% a.a. Esse nível de juro real mantém restritivas as condições de crédito, com impacto direto sobre o financiamento de frota e de projetos de infraestrutura no setor de transporte.
- O Banco Central tende a reagir à inflação com atraso, tanto na fase de alta quanto na de corte dos juros. Em 2021-2022, a Selic só passou a subir com a inflação já em aceleração avançada. Em 2023-2024, os cortes vieram somente depois de a desinflação estar consolidada. O ciclo iniciado em 2025 seguiu essa mesma lógica: a Selic voltou a subir quando a inflação já perdia força, e agora recua de forma lenta, mesmo com o IPCA em trajetória de queda mais evidente.
- A decisão do Copom ocorre em meio a um cenário externo de maior restrição monetária, uma vez que o *Federal Reserve* elevou a taxa de juros americana em setembro, pela primeira vez desde 2023. O movimento pressiona o câmbio e limita espaço para novos cortes da Selic.

Taxa Selic e IPCA – Janeiro de 2020 a agosto de 2026

IPCA acumulado em 12 meses (%) e meta da taxa Selic (% ao ano)



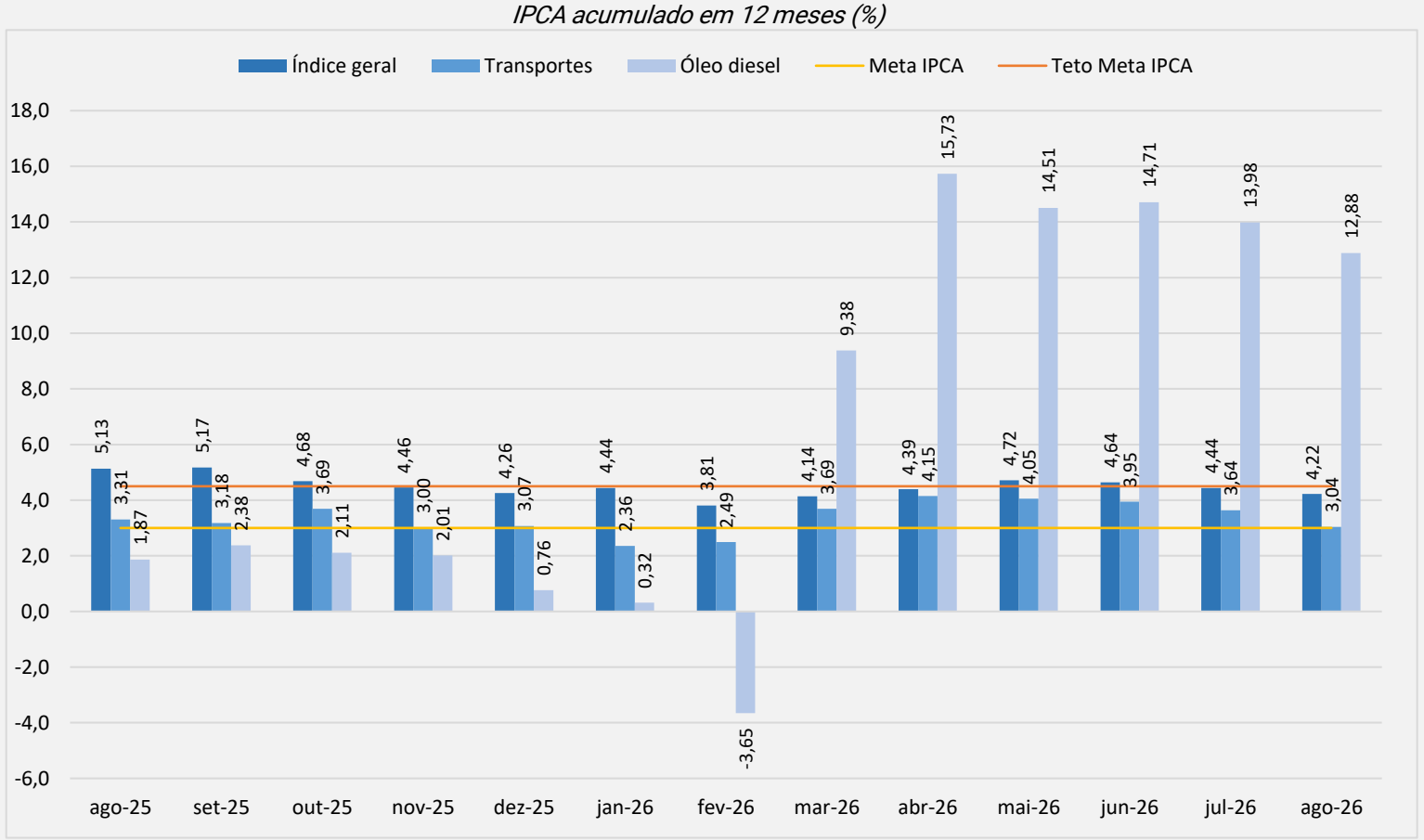
Fonte: Elaboração CNT, com dados de Banco Central do Brasil e IBGE.

Inflação

Diesel dispara e pressiona custos operacionais do transporte, mesmo com inflação geral em trajetória de acomodação.

- O IPCA acumulado em 12 meses fechou agosto de 2026 em 4,22%, patamar inferior ao teto da meta de inflação (4,5%). Ao longo do período analisado, esse limite foi ultrapassado em diversos meses. No entanto, nos meses mais recentes observa-se uma trajetória de moderação.
- No mesmo período, o subgrupo Transportes se manteve contido em relação ao índice geral, oscilando entre 2,36% e 4,15%. Em boa parte dos meses, esteve inclusive abaixo da meta central de inflação (3,0%). Esse comportamento mudou desde março de 2026, refletindo o repasse gradual de custos de insumos para o consumidor final dos serviços de transporte. Depois do pico observado em abril de 2026, o índice voltou a recuar, fechando agosto em 3,04%.
- O comportamento do diesel foi o mais expressivo de todo o período. Em fevereiro de 2026, o combustível ainda registrava deflação acumulada em 12 meses, de -3,65%. Dois meses depois, em abril, o indicador saltou para 15,73%. Desde então, segue em nível elevado, encerrando agosto de 2026 em 12,88%. Esse choque atinge diretamente o transporte rodoviário, e seu efeito sobre os custos operacionais é muito superior ao capturado pelo índice de Transportes.

IPCA, grupos Transporte e Óleo diesel – Agosto de 2025 a Agosto de 2026



Fonte: Elaboração CNT, com dados de IBGE.

Inflação

Diesel, óleo lubrificante e pedágio elevam o custo operacional do transporte acima do que reflete o índice geral.

- Em agosto de 2026, o preço do diesel recuou 0,80% em relação ao mês anterior. O resultado contrasta com a alta de 0,16% registrada em agosto de 2025. Apesar disso, o acumulado no ano segue em patamar elevado, em 13,35% ante apenas 1,18% do mesmo período de 2025. Esse número reflete o choque concentrado entre abril e junho de 2026.
- A gasolina, por sua vez, registrou crescimento de 4,30%, enquanto o etanol apresentou forte deflação, de -9,86%. Essa dispersão indica um choque concentrado no diesel, com forte efeito sobre o transporte rodoviário, modalidade altamente dependente deste insumo. O índice de combustíveis, apesar de apresentar uma deflação de 0,91% em agosto de 2026, obteve uma alta de 3,03% no acumulado do ano. Por sua vez, o pneu apresentou uma queda de 3,27% em 2026.
- O óleo lubrificante acumulou alta de 12,06% no ano, patamar bastante elevado. O pedágio, por sua vez, subiu 4,25%, revertendo a deflação de -2,77% registrada em 2025. Juntos, esses dois insumos se somam ao diesel na formação de uma cesta de custos operacionais mais pesada para o setor. O resultado é um encarecimento da operação logística mais intenso do que sugere, isoladamente, o índice agregado de Transportes.

Preços dos insumos de transporte – Agosto de 2025 e Agosto de 2026

Insumo	Ano	IPCA de agosto (%)	Acumulado no ano (até agosto) (%)
Óleo lubrificante	2025	1,12	2,33
	2026	**1,64**	**12,06**
Pneu	2025	-0,34	2,99
	2026	**-0,27**	**-3,27**
Pedágio	2025	0,21	-2,77
	2026	**0,05**	**4,25**
Combustíveis (veículos)	2025	-0,89	0,95
	2026	**-0,91**	**3,03**
Gasolina	2025	-0,94	1,05
	2026	**-0,59**	**4,30**
Etanol	2025	-0,82	0,66
	2026	**-3,95**	**-9,86**
Óleo diesel	2025	0,16	1,18
	2026	**-0,80**	**13,35**
Gás veicular	2025	-1,27	-4,04
	2026	**2,62**	**2,79**

Fonte: Elaboração CNT, com dados de IBGE.

Taxa de Câmbio e Bolsa de Valores

Câmbio apresenta média de R$ 5,15 em agosto e Ibovespa alcança maior patamar desde abril.

- O dólar fechou agosto de 2026 a R$ 5,18, alta de 2,1% frente aos R$ 5,08 de julho, impulsionada pela tensão entre Estados Unidos e Irã no Estreito de Ormuz e pela postura mais restritiva do *Federal Reserve* diante da inflação americana ainda acima da meta. Já na virada para setembro, a moeda perdeu força, recuando a R$ 5,09 em 11 de setembro e fechando o dia 14 a R$ 5,17.
- O Ibovespa encerrou agosto praticamente estável, com leve baixa de 0,33% frente a julho, aos 177.419 pontos, após uma sequência de 11 pregões seguidos de queda entre os dias 4 e 18 de agosto, quando o JPMorgan rebaixou as ações brasileiras. O índice chegou à mínima de 166.335 pontos no dia 18, mas recuperou parte das perdas na reta final do mês, com o mercado reagindo a dados mais benignos de inflação, que reforçaram as apostas em novos cortes da Selic.
- Em setembro, o movimento se inverteu: a Bolsa voltou a subir e alcançou 188.269 pontos em 10 de setembro, o maior fechamento desde abril, impulsionada pela disparada do petróleo, pela valorização de bancos e pela repercussão de pesquisas eleitorais que indicaram empate técnico entre Lula e Flávio Bolsonaro em simulações de segundo turno, além da expectativa de novos cortes da Selic.

Taxa de câmbio – Janeiro/2020 a setembro/2026

Taxa de câmbio – média – compra e venda (R$/US$)

Ibovespa – Janeiro/2020 a setembro/2026

Índice Ibovespa (pontos)

Fonte: Elaboração CNT, com dados de Banco Central do Brasil.

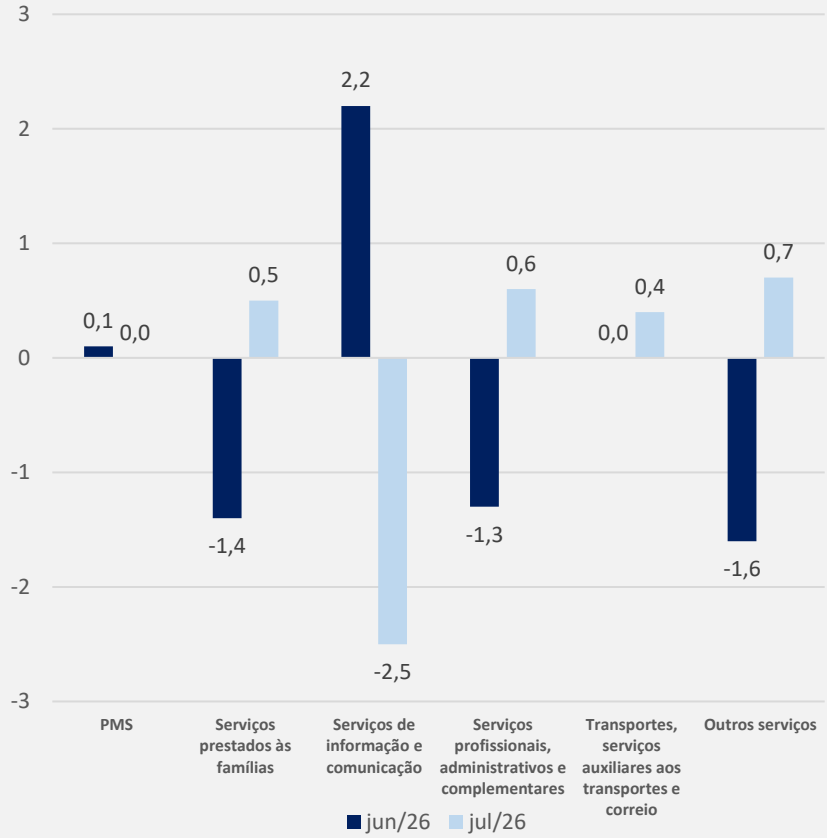
Pesquisa Mensal de Serviços (PMS)

Serviços seguem estagnados em julho, reforçando desaceleração da atividade econômica.

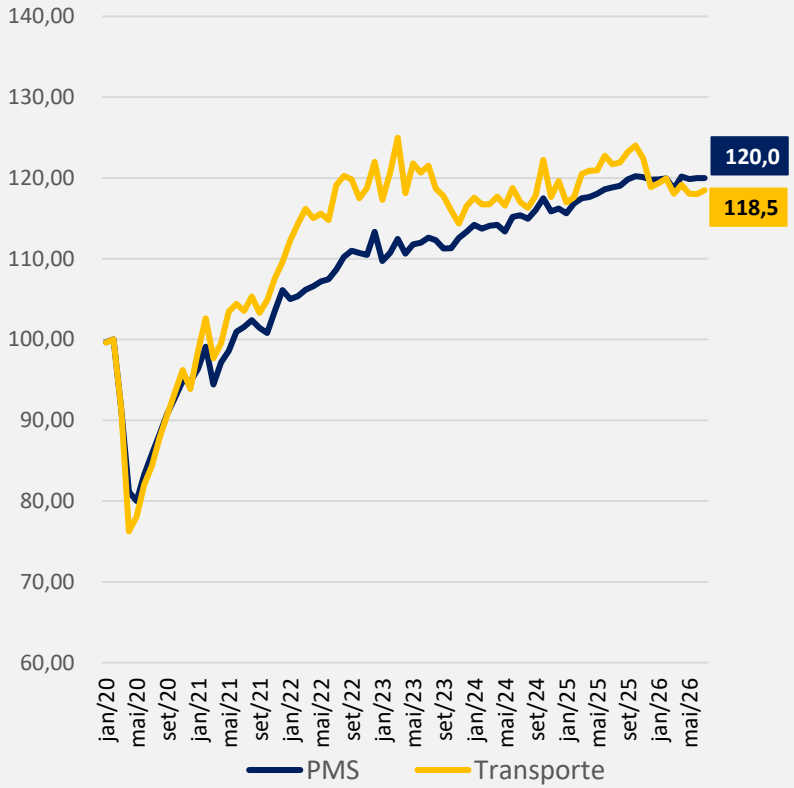
- Em julho de 2026, o volume de serviços no Brasil ficou estável, o terceiro mês consecutivo sem variação relevante, segundo a PMS/IBGE. No acumulado entre janeiro e julho, o setor cresceu apenas 1,9%, patamar abaixo dos 2,7% observados no mesmo período de 2025. Como os serviços representaram 59,75% do PIB em 2025, sendo historicamente o setor de maior relevância na economia brasileira, o resultado de julho indica sinais de desaceleração da atividade econômica.
- O desempenho de julho refletiu comportamentos distintos entre as atividades. Segmentos que haviam recuado em junho reverteram a trajetória e cresceram levemente em julho. Em contrapartida, Serviços de Informação e Comunicação caíram 2,5% no mês, revertendo a alta anterior e neutralizando o avanço das demais atividades.
- Na atividade de Transportes, Serviços Auxiliares aos Transportes e Correio, o crescimento foi de 0,4% no mês. Apesar da leve alta mensal, o setor acumula contração de 1,4% em 2026. Frente ao nível pré-pandemia, o transporte avança 18,5%, ligeiramente abaixo dos 20,0% acumulados no conjunto dos serviços.

Evolução mensal do volume de serviços (PMS)

Variação no volume de serviços em junho e julho de 2026, em relação ao mês anterior (%)



Número-índice – Janeiro de 2020 a julho de 2026
Série com ajuste sazonal (fev. 2020 = 100)



Fonte: Elaboração CNT, com dados de IBGE.

Pesquisa Mensal de Serviços (PMS)

Aquaviário bate novo recorde histórico, enquanto aéreo ainda opera abaixo do pré-pandemia.

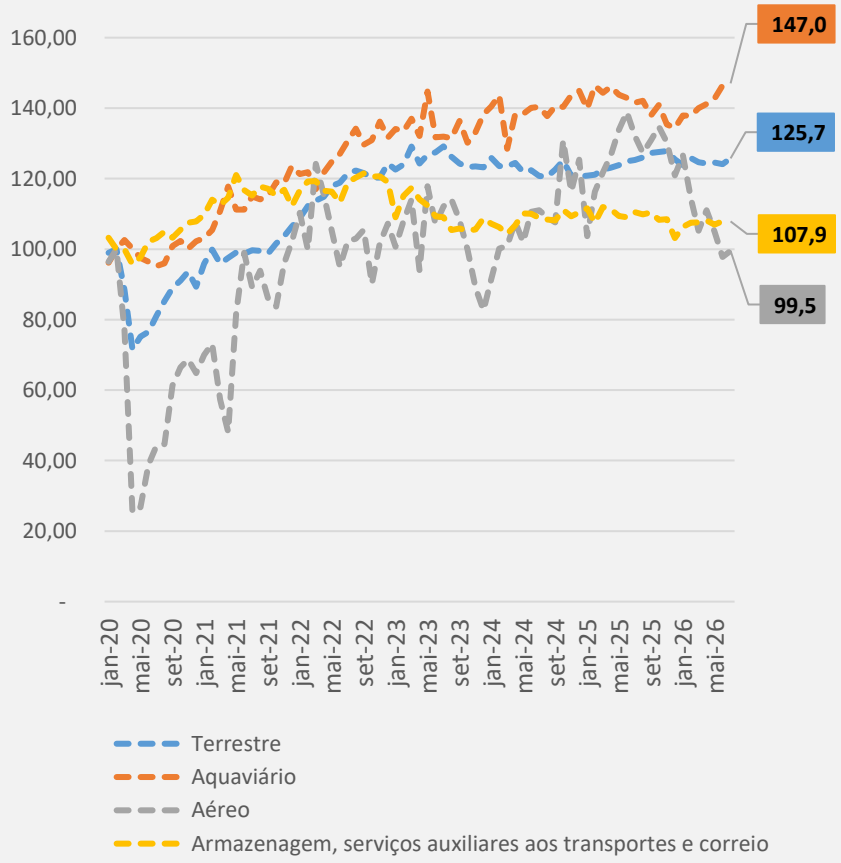
- Entre as modalidades de transporte, o desempenho mensal em julho foi desigual. O aéreo (1,7%) teve o melhor resultado do mês, revertendo as quedas de maio e junho, mas segue abaixo do nível pré-pandemia (99,5 pontos). Terrestre e aquaviário cresceram de forma mais moderada, 1,3% e 0,4%, respectivamente. O aquaviário, porém, atingiu novo recorde histórico, 47,0% acima do patamar pré-pandemia. Já Armazenagem, Serviços Auxiliares e Correio recuou 0,1% no mês.

- No acumulado do ano até julho, o desempenho entre as modalidades foi majoritariamente negativo. O Terrestre foi a única modalidade a registrar alta, de 1,2%. Aquaviário (-1,1%) e Armazenagem, Serviços Auxiliares e Correios (-2,4%) acumulam retração moderada, enquanto o Aéreo apresenta a maior queda, de 13,3%. No conjunto, o setor de Transporte soma retração de 1,4% no ano.

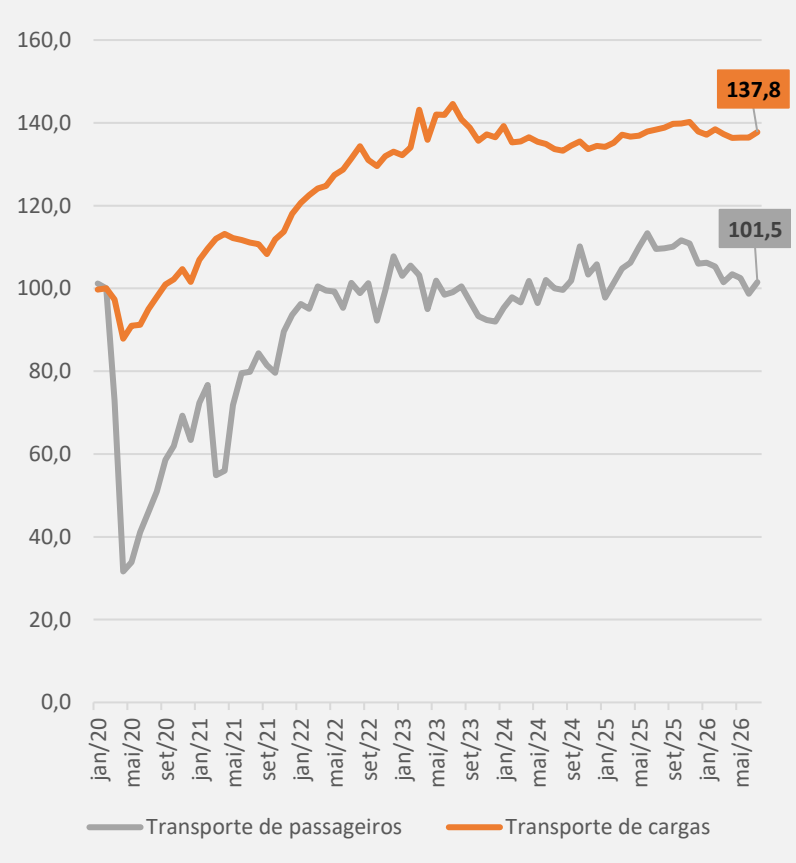
- Por finalidade, o transporte de passageiros cresceu 2,9% no mês, levando seu índice a 101,5 pontos, ligeiramente acima do nível pré-pandemia. Na comparação com julho de 2025, porém, o segmento recuou 7,4%. O transporte de cargas cresceu 1,0% no mês, mantendo-se 37,8% acima do nível pré-pandemia, com variação mais estável na comparação interanual (-1,1%).

Evolução mensal do volume de serviços (PMS) para segmentos do transporte, com ajuste sazonal

Número-índice – Modos de transporte – Fev./2020 a jul./2026
Série com ajuste sazonal (fev. 2020 = 100)



Número-índice – Cargas e passageiros – Jan./2020 a jul./2026
Série com ajuste sazonal (fev. 2020 = 100)



Fonte: Elaboração CNT, com dados de IBGE.

Equipe Técnica da CNT

Elaboração

Fernanda Rezende, Diretora Executiva
Fernanda Schwantes, Gerente Executiva de Economia
Ana Luísa Normando, Analista em Economia
Carlos Eduardo Espinel, Analista em Economia
Enzo Sanches Fernandes, Analista em Economia
Raphael Vieira dos Santos, Analista em Economia
Fernando Nogueira Salviano, Estagiário

Documento finalizado em 16/09/2026.
Para ler as edições deste e de outros informes e boletins temáticos para o transporte, consulte cnt.org.br